

NATANAEL DE LIMA

O ROMANCE DE

JOÃO SEM DIREÇÃO



COLEÇÃO LUZEIRO

NATANAEL DE LIMA

O ROMANCE DE JOÃO SEM DIREÇÃO

Direção de
ARLINDO PINTO DE SOUZA

Texto revisto e classificado por
HÉLIO CAVENAGHI

Direitos adquiridos e registrados de acordo
com a lei na Biblioteca Nacional
1977



LUZEIRO EDITORA LIMITADA

03025 - RUA ALMIRANTE BARROSO N 730
TELEFONE: 93-8559 - CGC 43.826.643/0001 00
INSCR. ESTADUAL 109.085.107 - SÃO PAULO

O ROMANCE DE JOÃO SEM DIREÇÃO

FICHA

NOME — O ROMANCE DE JOÃO SEM DIREÇÃO

TEMA — Encantamento

AUTOR — Natanael de Lima

LOCAL — Sem indicação DATA — Sem indicação

ESTROFES — 116 de seis versos de sete sílabas (sextilhas)

ESQUEMA DE RIMAS — x a x a x a

OBSERVAÇÃO — As letras repetidas indicam os versos que rimam entre si. Indicam-se com x os versos que não rimam com nenhum outro.

FINAL — Duas estrofes em acróstico GESUINO DELIMA, com versos de sete sílabas. Esquema de rimas: x a x a b b a (rima chamada aberta, porque o 1.º e o 3.º versos não rimam com nenhum outro).

BIOGRAFIA DO AUTOR — Não se conseguiram dados.

O nome LITERATURA DE CORDEL provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao cordel ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados, em exposição. No Nordeste brasileiro, mantiveram-se o costume e o nome, e os folhetos são expostos à venda pendurados e presos por pregadores de roupa, em barbantes esticados entre duas estacas, fixadas em caixotes.

Neste romance se vê
O triunfo da verdade,
Quanto pesa a ambição,
Quanto vale a caridade,
A queda do orgulhoso,
Do bem a prosperidade.

Houve, num país distante,
Um rei de alto valor.
Em sua propriedade,
Tinha um velho morador —
Ele e a mulher e três filhos,
Pobres que causava horror!

Os seus filhos se chamavam
O mais velho Semião,
O outro Bartolomeu
E o caçula era João —
Vivia essa família.
Numa perfeita união.

Esse rei, um certo dia,
Apetitou-lhe a comer
Uma paca muito gorda
Para se satisfazer.
Dizia: — Eu só almoço,
Quando a paca aparecer!

Mandou chamar os rapazes,
Que não tardaram chegar,
Disse o rei: —É pra vocês
Irem ao mato procurar
Uma paca para mim —
Não voltem sem encontrá-la

Saíram os três rapazes
Com cuidado a procurar
A dita paca que o rei
Desejou para almoçar.
Andaram até meio-dia,
Mas não puderam encontrar.

O sol já estava quente,
Quando entraram num baixio.
Chegaram num arvoredor,
Junto à margem de um rio,
Resolveram descansar
Naquele lindo sombrio.

Os dois pegaram no sono,
João não quis se deitar.
Quando olhou para uma fumaça,
Viu uma coisa brilhar
Com tamanha claridade,
Que lhe fez admirar.

Foi ver o que era aquilo
Que estava clareando:
Era a pena de um pássaro
Que estava brilhando.
Ele pegou e guardou-a,
Depois foi se retirando.

Afinal, chegaram em casa,
À uma da madrugada,
E foram dizer ao rei:
— Perdemos nossa caçada —
Andamos o dia todo,
Porém não encontramos nada!

Disse João: — Rei, meu senhor,
A paca não encontrei,
Porém a pena de um pássaro
Muito bonita eu achei —
Com muito boa vontade,
Ela vos ofertarei!

Tirou a pena do bolso,
 Viu-se logo a claridade.
 Disse o rei: — Eu nunca vi
 Pena desta qualidade —
 Adquirir uma desta
 É grande felicidade!

O rei logo abraçou João,
 Dizendo: — Muito obrigado!
 Disse mais: — Como não posso
 Compensar o teu achado,
 Serás o meu secretário,
 Na corte do meu reinado!

Os irmãos disseram: — Já
 Que o rei confia nele,
 Vamos a levantar-lhe um falso,
 Para o rei dar fim a ele.
 Depois dele morto, nós
 Tomamos o lugar dele!

Foram à presença do rei,
 Com a maior falsidade,
 Dizendo: — Rei, meu senhor,
 Vimos à Majestade
 Contar-vos uma história
 Com garantia e verdade.

Inda ontem, João nos disse
 Que se atrevia ir buscar
 O pássaro, dono da pena,
 Pra melhor vos ofertar —
 Já não foi, porque o rei
 Ainda não quis mandar!

O rei mandou chamar João,
 Que com urgência chegou:
 — Pronto, às ordens, senhor rei!
 O rei irou-se e falou:
 — Eu quero o pássaro da pena
 Que você já me ofertou!

Disse João: — Rei, meu senhor,
 Podereis me acreditar:
 Não sei o pássaro onde vive,
 A pena achei sem esperar!
 Os irmãos lhe responderam:
 — Pra que você quer negar?

Disse-lhe o rei: — Você vai
 Pelo mundo a procurar!
 Ande um ano, dois ou três,
 Não precisa se vexar —
 Só me chegue aqui com ele,
 Gaste o tempo que gastar!

Tem aí um burro velho,
Com o nome de Mineiro —
Bote uma cangalha nele,
Duas malas de dinheiro.
Ele não cansará nunca,
Viaja o ano inteiro.

Se o dinheiro acabar-se,
Não der para a travessia,
Tome emprestado em meu nome
Que eu dou a garantia —
Mas, se voltar sem o pássaro,
Morrerá no mesmo dia!

João montou no seu burro,
Saiu como um peregrino,
Com a espingarda na mão,
Chorando que só menino —
Seguiu a sua viagem
Sem direção nem destino.

O burro era possante
Pra viagem resistir.
João afrouxou as rédeas,
Deixou o burro seguir —
Pra onde ele pendia,
João deixava ele ir.

Chegou em uma cidade,
Às nove horas do dia.
Ali havia uma missa
Do padre da freguesia.
João foi ouvir a missa,
Visto andar em romaria.

Entrou ele na igreja,
Neste momento feliz,
Mas era uma fedentina
Dentro daquela matriz,
Que todo povo presente
Era tapando o nariz!

Quando terminou a missa,
Viu o povo se juntar
E o vigário dizer:
— Convém logo retirar —
O tempo já completou,
Não tem por quem esperar!

E João de nada sabia.
Vendo o povo se juntar,
Dirigiu-se ao vigário:
— Desculpe eu lhe perguntar —
O que tem nesta matriz
Que o povo vai retirar?

O padre disse: — Meu filho,
A nossa vida é um fado,
Pois aqui nesta cidade
Tem um decreto formado —
Que um defunto com dívida
Não pode ser sepultado.

Passa três dias na igreja,
Logo depois que morrer.
Aparecendo quem pague
Tudo quanto ele dever,
Se enterra, mas, não tendo,
O urubu vai comer!

Disse João: — Pois esta lei
É uma sentença dura!
Eu pago todas as dívidas
Desta infeliz criatura —
Apareçam os credores,
Vamos dar-lhe a sepultura!

João pagou todas as dívidas
Que o defunto deixou,
Mandou abrir o sepulcro,
O sino também dobrou.
Às quatro horas da tarde,
O homem se sepultou.

Devido a ter demorado,
Nesse dia não saiu.
Hospedou-se numa casa,
Tranqüilamente dormiu,
Às seis horas da manhã,
Sua viagem seguiu.

Às onze horas do dia,
João estava impaciente,
Com fome, sem ver o pássaro,
O sol já bastante quente.
Olhando, viu um macaco
No caminho, em sua frente.

O burro, vendo o macaco,
Tratou logo de parar
E João disse: — Seu macaco,
Deixe meu burro passar —
Tú não dás jeito ao que quero,
Deixa de me aperrear!

O macaco deu um pulo,
Saltou fora do caminho.
O burro continuou,
Porém bem devagarinho
E João só olhava o mato,
Procurando o passarinho.

Quando andou mais meia légua,
Viu o seu burro esbarrar.
Olhando, viu o macaco
Na sua frente a saltar.
Disse João: — Ainda mais está!
Deixa meu burro passar!

Eu já vivo sem destino,
Por este mundo vagando,
E tu aí, no caminho,
Minha viagem atrasando!
Se não tens o que preciso,
Não estejas me aperreando!

O macaco aí falou-lhe:
— Faça o favor declarar
O que senhor procura,
Que inda não pode achar —
Me diga que, se eu puder,
Lhe tiro deste penar!

João então disse: — Macaco,
Nada me convém dizer,
Porque, da forma que vivo,
Só Deus pode me valer —
Outro homem não dá jeito,
Nem pode me defender!

Mas como queres saber,
Eu vou já te declarar:
Eu e os meus dois irmãos
Fomos um dia caçar —
O rei pediu uma paca
E nos mandou procurar.

Andamos o dia todo
E não encontramos nada.
No mato, eu achei a pena
De uma ave encantada,
Dei ela ao rei de presente,
Como oferta da caçada.

O rei, contente com ela,
Fez-me a gratificação.
Meus irmãos me foram falsos,
Com inveja e ambição —
Por causa disso é que vivo
No mundo sem direção!

Disseram ao rei que eu disse
Que me atrevia ir buscar
O pássaro, dono da pena.
O rei mandou procurar,
Mostrou-me pena de morte —
Como é que posso escapar?

O macaco estava ouvindo
Tudo do princípio ao fim.
Lhe respondeu: — É verdade,
Assim está muito ruim!
Não tem nada, se anime,
Siga agora atrás de mim.

O macaco foi adiante
E João acompanhou.
Adiante, o macaco disse:
— Desmonte! E João desmontou.
Grande buraco no chão,
De frente João avistou.

Chegando naquele fojo,
Disse o macaco ao rapaz:
— Entre aqui, e o que você achar
Mais bonito você traz —
Veja, só conduza um,
Que não precisa de mais!

João entrou nesse buraco.
Adiante foi avistando
Um baixio e uns cavalos
Estavam nele pastando.
João escolheu o mais belo,
Pegou e saiu puxando

Vinha ligeiro saindo
Por onde tinha passado,
Quando avistou um silhão
Muito lindo e preparado —
Disse João: — Eu vou levá-lo
Pro cavalo ir arreado!

Até aí vinha em paz,
Sem a menor novidade.
Quando pegou no silhão,
Foi enorme a tempestade
De cacete a bater nele,
Sem ter dó nem piedade.

Ouviu uma voz dizer:
— Veja se pode pegá-lo!
Quando o cacete batia,
Na testa fazia um galo —
Quase morre, mas saiu
Com o silhão e o cavalo

João trouxe o silhão, porém,
Quase morre de apanhar.
O macaco disse a ele:
— Eu cansei de lhe avisar!
Já vinha com o cavalo,
Deixasse o silhão ficar!

Disse João: — Este silhão
 É bem feito e preparado —
 Um cavalo descoberto
 É feio que é danado!
 Sofri muito, mas estou vendo
 O meu çavalo arreado!

Continuaram a jornada,
 Porém Joao seguiu aflito,
 Deram com outro buraco,
 Dentro daquele esquisito.
 Disse o macaco: — Entre e traga
 O que achar mais bonito.

Mas veja: só traga um,
 Em dois não queira pegar,
 Porque, se pegar em dois,
 Caro há de lhe custar —
 Você já viu o exemplo,
 Só o faltaram matar!

Ele desceu no abismo,
 Adiante entrou num salão.
 Viu tanta moça bonita,
 Que lhe chamou atenção —
 Ele escolheu a mais linda,
 Saudou-a e deu-lhe a mão.

Dizendo: — Querida jovem,
 Todo meu contentamento
 É com sua formosura,
 A luz do meu pensamento —
 Responda minha querida,
 Se me aceita em casamento!

A donzela respondeu-lhe:
 — Contigo eu hei de casar!
 Diz ele: — Tu vais comigo,
 Se queres me acompanhar!
 Ela deu o braço a ele,
 Trataram em se retirar.

Nisso, ele viu um chapéu
 Que era uma coisa bela.
 Disse ele: — Este chapéu,
 Só sendo desta donzela!
 Tratou logo de tirá-lo
 E botou na cabeça dela.

Quando pegou no chapéu,
 Viu logo o pau tropejar
 Na cabeça e no espinhaço,
 Nos peitos, em todo lugar.
 Ele disse: — Agora eu morro!
 Ninguém me pode salvar!

Porém João não afrouxou
A mão de sua querida,
Queria sair com ela,
Embora perdesse a vida —
Se conhece o bom guerreiro,
Quando a luta é desmedida!

O macaco, quando viu
O rapaz naquele estado,
Todo quebrado de pau,
Com o corpo ensangüentado,
Disse: — Oh, homem teimoso,
Não se lembra do passado!

João, eu não te avisei
Que tu tivesses cautela?
Não vinhas sem novidade,
Junto com tua donzela?
Disse João: — Eu quase morro,
Porém trouxe o chapéu dela!

O chapéu é desta moça
E ninguém dirá que não!
Se trouxesse o cavalo
E deixasse lá o silhão,
Não podia viajar —
Como era esta arrumação?

Como a moça viajava
Neste cavalo somente?
Como ia sem chapéu,
Neste dia de sol quente?
Agora me diz, macaco:
Assim não está mais decente?

Continuaram a viagem
Num bosque descomedido —
Parece que ser humano
Ali nunca tinha ido!
Deram com outro buraco,
Medonho e desconhecido.

Disse o macaco: — Desmonte,
Preste atenção ao que digo:
Entre aqui neste buraco,
Que não lhe causa perigo —
Faça o que mando fazer,
Que não sofrerá castigo!

O que achar mais bonito,
O senhor pode trazer,
Porém só conduza um,
De dois não queira saber.
Porque, se pegar em dois,
Será capaz de morrer!

Tudo quantô eu já lhe disse,
O senhor compreendeu —
Se sair mal na empresa,
O culpado não fui eu!
E João, ciente de tudo,
No grande abismo desceu.

Dentro avistou um sobrado
De um modelo profundo —
Na beleza parecia
Um primeiro sem segundo!
Tinha um viveiro encostado,
Com todos os pássaros do mundo.

Estava ele enfeitado
Com toda espécie de flores,
Dentro existiam aves
Galináceas e corredores,
Aves pernaltas e palmípedes,
Colombinos e trepadores.

João ali contemplava
O viveiro e a verbena.
Do outro lado, avistou
Uma gaiola pequena —
Dentro dela estava o pássaro,
O dito dono da pena.

Ele, vendo o passarinho,
Julgou que viu um tesouro.
Disse: — Eu levo é este aqui,
Não tenho medo de couro!
Nisto, ele foi avistando
Uma gaiola de ouro

— Esta aqui é deste pássaro,
E eu vou levá-la agora!
Pegou-a e saiu correndo,
Não quis ali ter demora —
Quase morto de cacete,
Pulou do lado de fora.

Assim que João se viu livre
Daquele grande tormento,
Perguntou ao macaco,
Cheio de contentamento:
— Macaco, quanto te devo?
Quanto é de pagamento?

O macaco disse a João
— Siga em paz e salvamento!
Com esta linda donzela,
Faça feliz casamento
Espere, de hoje a um ano,
Vou buscar meu pagamento.

Disse-lhe ainda o macaco:
 — Eu vou te recomendar:
 Na hora de meio-dia,
 Quando fores descansar,
 O pássaro fica tristonho,
 Porque não pode cantar.

Se ele chegar a botar
 Ao menos o bico de fora,
 Entoa um cântico saudoso
 Que vocês, naquela hora,
 Adormecem e ele pula
 Da gaiola e vai embora.

Quando entregares ao rei,
 Ele canta engaiolado,
 Devido ao rei colocá-lo
 Em lugar apropriado —
 Se abrires na viagem,
 É triste o teu resultado!

Ele abraçou Angelita
 E dele se despediu.
 Dali desapareceu,
 Para onde foi ninguém viu.
 João montou sua querida
 No seu cavalo e seguiu.

Às doze horas do dia,
 João procurou se abrigar
 Debaixo de uma árvore
 Que tinha nesse lugar.
 Por não ter morada perto,
 Foram nela descansar.

Disse João a sua noiva,
 Quando acabou de almoçar
 — Dar este pássaro ao rei
 E não ouvir ele cantar?
 Vou abrir esta gaiola
 E depois torno a fechar!

Angelita disse a João:
 — Deves lembrar-te daquele
 Macaco que te avisou!
 Toma o conselho dele —
 Este pássaro, se soltando,
 Ninguém mais encontra ele!

Disse João: — Tomo cuidado!
 Trato logo de fechar —
 Quando ele abrir o bico,
 Que começar a cantar,
 Bato a porta da gaiola,
 Não deixo ele voar.

Quando João abriu a porta,
Que o passarinho botou
Somente o bico de fora,
Logo um cântico entoou,
Que Angelita adormeceu
E João dormindo ficou.

Assim que adormeceram,
Não viram o que passou.
O pássaro formava vôo,
Quando o macaco chegou,
Bateu a mão na gaiola,
Ligeiro a porta fechou.

Naquilo, João despertou.
O macaco foi dizendo:
— Olha aí, João sem-vergonha,
O que ia acontecendo!
Se eu não chegasse agora,
Veja o que ia perdendo!

O macaco disse isto
E logo se retirou.
João ficou bastante triste,
Devido ao que se passou —
Arrumou o necessário,
Sem mais demora marchou.

Seguiu a sua viagem
Em procura do reinado,
Conduzindo o passarinho
E sua noiva de lado —
Muito alegre por ter tido
Na empresa resultado.

Quando faltava uma légua,
O rei soube da viagem.
Então, mandou preparar
Uma linda carruagem,
Foi ao encontro de João
Naquela larga rodagem.

Mais ou menos meio-dia,
Tudo na corte se achava:
Doutor fazia discurso,
A música toda tocava,
Balões vagavam no ar,
Bomba de fogo estourava.

Quando entraram na corte,
Disse João à Majestade:
— Queira receber de mim,
Com muita boa vontade,
O pássaro que o senhor
Pedi-me com brevidade!

Disse o rei: — Muito obrigado!
 Cheio de contentamento,
 Apertou-lhe a mão e disse:
 — Pelo teu merecimento,
 Como não posso pagar-te,
 Vou fazer teu casamento!

Contrataram o himeneu,
 Para ser no quinto dia.
 Mandaram comunicar
 Ao padre da freguesia,
 Começou a chegar gente
 De alta aristocracia.

Depois que se reuniu
 O povo da alta classe,
 O padre ajeitou os noivos,
 Unidos face com face —
 De João com Angelita
 Realizou-se o enlace.

Para seu rico palácio
 Seguiu João, acompanhado
 De braços com sua esposa
 E o rei do outro lado.
 Tudo na festa gritou,
 Dando viva ao noivado.

Depois que chegou em casa,
 Ainda a festa rolou
 Mais ou menos oito dias
 E, depois que terminou,
 Se despediram dos noivos
 E tudo se retirou.

Completando nove meses
 Que eles tinham casado,
 A esposa se achava
 Num interessante estado —
 Deu à luz, ficando em paz.
 Foi outro prazer gozado.

Ficaram os pais satisfeitos,
 Vendo a linda criancinha.
 Para serem seus padrinhos,
 Foram o rei a rainha
 E, por ser um belo sexo,
 Deram o nome de Clarinha.

João ficou bem satisfeito,
 Sem se lembrar do contrato
 Que tinha feito há uns meses
 No centro daquele mato,
 Quando chegou o macaco,
 Dizendo: — Cheguei no trato!

João abraçou o macaco.
 Muito alegre o recebeu,
 Dizendo: — Vem visitar-me?
 O macaco respondeu:
 — Vim buscar meu pagamento —
 Nosso trato se venceu!

Hoje completou um ano
 Que de ti me separei —
 Devido a nosso contrato,
 Agora mesmo eu cheguei!
 — Muito bem! respondeu João.
 Com gosto lhe pagarei!

Responda quanto eu lhe devo,
 Que pago neste momento!
 Disse o macaco: — Dinheiro
 Não me dá contentamento —
 A metade de tua filha,
 Exijo por pagamento!

Com dinheiro, tu não pagas
 Nem mesmo com um milhão —
 Com uma banda da criança,
 Fico satisfeito então!
 João, com aquelas palavras,
 Resfriou-lhe o coração.

Mas, como devia a vida,
 Não fez questão, aceitou.
 Participou à esposa,
 Esta bastante chorou —
 Pela perda da filhinha,
 Muitas lágrimas derramou.

O macaco disse a João:
 — Não posso mais demorar.
 Traga logo a criancinha,
 Pra minha banda eu tirar —
 Com um fação afiado,
 Você é quem vai cortar!

Disse o macaco a mulher:
 — Você pegue numa mão,
 Eu sustento as duas pernas,
 O pai prepare o facão —
 Abra bem de centro a centro,
 Para eu tirar meu quinhão.

João foi levantando o braço,
 Mas o corpo estremeceu,
 Foi descendo sem alento.
 O macaco suspendeu,
 Dizendo: — Estou recebendo —
 O que me pertence é teu!

Sou um ser do invisível
 Que no espaço figura.
 João, eu não sou um macaco —
 Sou aquela criatura
 Que tu pagastes as dívidas
 E deste-me a sepultura.

Como cumpriste o dever
 De alto merecimento,
 Em pagares minhas dívidas
 E fazer meu enterramento,
 Livrei-te dos teus irmãos,
 Velei por teu sofrimento.

Esta linda criancinha
 Que me deste a metade,
 Eu te dou em pagamento,
 Em honra de caridade —
 No mais, até outra vista,
 Deus te dê felicidade!

Quando ouviram as palavras
 Que o macaco dizia,
 Foi grande a satisfação,
 Prazer neles não cabia —
 O desgosto que tiveram
 Transformou-se em alegria!

O macaco, nessa hora,
 Se metamorfoseou
 Num pássaro cor da aurora,
 Bateu as asas e voou.
 Nos confins do infinito,
 Num momento se encantou.

Ficou João muito feliz,
 Com sua esposa adorada.
 Disse o rei ao carrasco:
 — Quero a guilhotina armada
 E de cada irmão de João
 Quero a cabeça cortada!

Reuniu-se a praça em peso,
 Pra assistir a execução.
 João chegou-se à Majestade
 E pediu com atenção,
 Até que pôde obter
 Pra seus irmãos o perdão.

Seus irmãos, envergonhados
 Pelo ato traiçoeiro,
 Pediram perdão e foram
 Para um país estrangeiro,
 Trabalharam pela vida —
 Inda arranjaram dinheiro.

Meus votos são para o bem,
A quem faz a caridade,
Nosso Senhor Jesus Cristo
Olha para a humanidade,
Enviando a recompensa
Lá da Santa Eternidade.

Grande só existe Deus,
Em ser o reto Juiz.
Suas Sagradas Escrituras
Um provérbio assim nos diz:
Irmão, faça a caridade —
Na luz da eternidade,
O seu viver é feliz!

Não devemos desprezar
De Deus a sua doutrina:
Ele como santo e justo
Lá do céu tudo destina —
Invicto é o seu projeto,
Movimenta seu decreto,
Assim tudo determina.

7846 dupl coleção luzeiro

LITERATURA DE CORDEL

Princesa da Pedra Fina
Donzela Teodora
O Papagaio Misterioso
A Mulher que se Casou 18 Vezes
O Cangaceiro Isaías
Peleja Zé do Caixão c/ o Diabo
Vicente, o Rei dos Ladrões
Josafá e Marieta
A Chegada de Lampião no Céu
O Encontro de Cancão de Fogo
com José do Telhado
O Pavão Misterioso
Lampião, Rei do Cangaço
João Acaba-Mundo
A Chegada de Lampião no Inferno
Peleja do Cego Aderaldo com
Zé Pretinho do Tucum
O Quengo de Pedro Malazarte
no Fazendeiro
Encontro de Lampião com Dioguinho
João da Cruz
Juvenal e o Dragão
Piadas do Bocage
O Cachorro dos Mortos
Vida e Testamento de Cancão de Fogo
José de Souza Leão
Carta do Satanás a Roberto Carlos
A Princesa Rosinha na Cova
dos Ladrões
Os Quatro Sábios do Reino
A Vitoria de Floriano e a
Negra Feiticeira
Os Três Conselhos da Sorte
João Soldado
A Triste Sorte de Jovelina
O Valente Zé Gareia
Zé Bico Doce
Antônio Silvino
Os Cabras de Lampião
O Negrão do Paraná

Encontro de Cancão com
Pedro Malazarte
Zezinho e Mariquinha
História do Boi Leitão
Valdemar e Irene
A. B. C. dos Namorados
Os Sofrimentos de Alzira
Rufino, o Rei do Barulho
Peleja de Manoel Riachão
com o Diabo
A Louca do Jardim
O Jogador na Igreja
João de Calais
O Amor Entre a Verdade e o Punhal
Rosinha e Sebastião
O Terror dos Pistoleiros
Peleja Filho de Aderaldo
com Filho de Zé Pretinho
Matuto com Baláio de Maxixe
Antonio Cobra Choca
O Boiadeiro Valente
Cidrão e Helena
Tubiba, o Desordeiro
Côco Verde e Melancia
Amor de Mãe
Gabriela
Dimas e Madalena
Os Olhos de Dois Amantes
Por Cima da Sepultura
Vicente e Josina
O Príncipe Formoso
O Nero do Amazonas
O Comprador de Barulho
Batalha de Oliveiros e Ferrabras
Amor e Martírio de uma Escrava
O Sacrifício do Amor ou o Noivo
Ressuscitado
O Prêmio da Consciência
A Coragem de Juquinha pelo Amor
de Ivonete

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
LUZEIRO EDITORA LIMITADA
03025 - Rua Almirante Barroso, 730 - São Paulo

SNB